

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

VERBO

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

1

Quando o Verbo se fez Arte surgiu a Literatura. Quer isto dizer que, desde o momento em que a palavra serviu ao Homem para exprimir o seu mundo interior e as experiências que, neste mundo, essencialmente todo quanto vive e sente, à sua volta, a criação literária, a fruição das suas realidades e o juízo crítico sobre elas, começou a manifestar-se, naturalmente, uma linguagem privilegiada entre outras actividades do espírito ele desenvolveu ao longo da História. Não admira, por isso, que o conjunto de actos da inteligência e da sensibilidade humanas, expressos na (e pela) palavra, desde o acto de criar ao acto de ler, passou do reino do concreto e pelo de púas, realista, cor e tempo, dando lugar a um conjunto de disciplinas que, sem fazer semelhanças, podem ser designar por Ciências da Literatura.

Quando, como consequência do castigo que, segundo o Génesis, Deus infligiu ao Homem pela queda da Torre de Babel, a primitiva unidade linguística do Eden se fragmentou em múltiplos sistemas de comunicação verbal própria de grupos ou de culturas individualizadas, apareceram, por cada um desses sistemas, literaturas diferenciadas por marcas idiossincráticas e idiossincráticas que lhes deram forma de individualidade e de autonomia, constituindo-se desse modo as literaturas nacionais. Assim nasceu a Literatura Portuguesa entre as Literaturas Neolatinas.

E, quando, dentro de cada um desses países, a marcha da História deu lugar à diversificação de várias unidades, devido à autonomia política e cultural, sem com isso se verificar uma fragmentação linguística, surgiram as literaturas nacionais expressas numa língua partilhada com outras nações. Foi o que aconteceu com a Literatura Portuguesa e com as Literaturas Brasileiras de Expressão Portuguesa no mundo da língua e da cultura lusófonas.

Por este processo se definiu, em síntese, o objectivo da presente Enciclopédia.

BIBLOS pretende, com estes objectivos, ser uma obra de referência, capaz de facilitar uma compreensão segura e fundamentada do fenómeno literário das Literaturas de Língua Portuguesa, com os seus componentes do fenómeno literário, designadamente a **VERBO** e a **ARTICULO**.

VERBO



portuguesa protectora dos judeus, a *Consolação* explora a voga da novela pastoril, criando, por um reforço do *disfarce* co-natural ao género, uma versão alegórica dos sofrimentos da nação judaica ao longo da diáspora. Recorrendo quer a fontes judaicas quer a fontes cristãs, e demonstrando sempre um exaustivo conhecimento da Bíblia, o autor procura elaborar uma filosofia da história do Judaísmo, nunca cedendo na sua fé, mesmo na narração dos maiores sofrimentos, convicto que está do desígnio providencial reservado pelo Deus de Abraão, Isaac e Jacob ao seu povo.

Do ponto de vista compositivo, a obra consta de uma Dedicatória, um Prólogo (estilisticamente notável), e três Diálogos «pastoris», nos quais se encena o percurso de queda e redenção messiânica do povo de Israel. Apesar do seu tema, a *Consolação* não é uma obra esotérica ou que recorra ao esoterismo como forma de veicular críticas sibilinas, já que a própria denúncia da Inquisição é feita de forma clara. O autor revela, aliás, a permanente preocupação de esclarecer o sentido literal das suas alegorias, de modo a veicular a sua mensagem. Significa isto que a sua originalidade não resulta tanto de ocultismos de tipo cabalístico, como da forma sincrética que é a sua, já que nela se fundem a tradição da pastoral europeia (além de toda uma vasta gama de intertextos literários) e o pensamento religioso judaico e cristão.

BIBLIOGRAFIA: Samuel Usque, *Consolação às Tribulações de Israel* (revisão, pref., notas e glossário de Mendes dos Remédios), Coimbra, 1906-1908; Joaquim Mendes dos Remédios, «A *Consolação às Tribulações de Israel*», in *Biblos*, III, 1927; Yosef Hayim Yerushalmi, «A Jewish Classic in the Portuguese Language», in *Consolação às Tribulações de Israel*, vol. I, Lx., F. C. Gulbenkian, 1989; José V. de Pina Martins, «*Consolação às Tribulações de Israel* de Samuel Usque. Alguns dos Seus Aspectos Messiânicos e Proféticos. Uma Obra-Prima da Língua e das Letras Portuguesas», in *Consolação às Tribulações de Israel*, vol. I, Lx., F. C. Gulbenkian, 1989.

Oswaldo Silvestre

CONSONANTE ↗ Rima.

CONTEMPORÂNEA

Revista que se publicou entre Maio de 1922 e Outubro de 1926, num total de 13 números, distribuídos por 3 séries.

Depois do ↗ *Orpheu* e antes da ↗ *Presença*, a *Contemporânea* como que estabelece uma ponte entre o primeiro e o segundo modernismo português. Foi seu fundador e director José Pacheco (1885-1934), que desenhara as capas do *Orpheu*, e a quem se deve, sem dúvida, a qualidade gráfica da C. Mas, sendo um elo de ligação entre as duas gerações do nosso modernismo, não se esgota porém nele, como revista ecléctica, aberta a várias — e até contraditórias — tendências literárias e artísticas. Daí que, nas suas páginas, se encontrem futuristas (Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Luís de Montalvor, António Ferro), integralistas (António Sardinha, Luís de Almeida Braga, Afonso Lopes Vieira), seareiros (Aquilino Ribeiro), além de colaboradores que vinham já d'A *Águia* (Afonso Duarte, Leonardo Coimbra) e outros que seguiam o seu acidentado caminho espiritual (Manuel Ribeiro). Revista, portanto, superadora ou conciliadora de tendências, nela coabitam escritores de vanguarda e tradicionalistas. O editorial do primeiro número, da autoria do malgrado jornalista Afonso de Bragança (1899-1922), vem ainda impregnado de um estilo dinamicamente futurista — «Vamos vivê-lo [Portugal] com asas, com motores, com movimento» — que não é o estilo repousado ou em surdina de outros colaboradores. Foi na C., e em separata no n.º 7, que o espectacular Almada publicou «A Cena do Ódio», em princípio destinada ao n.º 3 do *Orpheu*.

Dando grande espaço às artes plásticas (e, também aqui, várias escolas coexistem), tem no jornalista Vítor Falcão (1886-1966) o seu crítico mais assíduo.

Com a revista, a Sociedade de Edições Contemporânea promovia conferências, exposições, concertos, cursos, numa acção cultural galardoada pela Presidência da República, ao tempo de Manuel Teixeira Gomes.

BIBLIOGRAFIA: Ed. fac-similada, em 4 vols., Lx., 1984-1992.

João Bigotte Chorão

CONTEXTO

O termo «contexto» é usado de muitos modos e não é seguro que tais modos sejam compatíveis entre si. O linguista